

A TRANSITIVIDADE VERBAL PENSADA POR MEIO DO VERBO PASSAR: UM ESTUDO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO

THE VERBAL TRANSITIVITY THOUGHT THROUGH VERB TO PASS: A SEMANTIC-ENUNCIATIVE STUDY

Alcenir de Sousa Luz ¹
Maria Auxiliadora Ferreira Lima ²

Resumo: Apoiamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli (1983; 1990; 1999a; 1999b), para explorar a unidade lexical *passar* e, por meio dela, investigar o funcionamento da transitividade (da perspectiva gramatical para a linguística), pensando-a como um processo lexical, articulado com a variedade de sentido de suas ocorrências. Os resultados evidenciaram que as gramáticas veem a transitividade como uma propriedade do verbo, e não do enunciado em sua totalidade; além disso, a análise do enunciado é feita de forma metalinguística e restrita aos fatores sintáticos. Pela ótica da TOPE, a unidade *passar* comporta uma diversidade de valores, que podem ser alterados conforme *passar* entra em interação com o Argumento 1 (A1) e com o Argumento 2/3 (A2/A3). Ocorre que a semanticidade dos nomes que funcionam como A1, A2/A3 realiza uma operação de determinação sobre o verbo, estabilizando seu valor e seu modo de funcionamento no enunciado.

Palavras-chave: Transitividade. Léxico e Gramática. *Passar*. TOPE.

Abstract: We base at Theory of Predicative and Enunciative Operations, in Portuguese, TOPE, developed by Antoine Culioli (1983; 1990; 1999a; 1999b), to explore the lexical unity *pass* and, through it, investigate the functioning of transitivity (from grammatical to linguistic perspective), thinking of transitivity as a lexical process, articulated with the variety of meaning of its occurrences. The results showed that grammars see transitivity as a property of the verb, and not of the utterance in your totality; besides this, the analysis of the utterance is done in a metalinguistic way and restricted to syntactic factors. From the perspective of TOPE, the unity *pass* has a diversity of values, which can be changed as we *pass* interacts with Argument 1 (A1) and Argument 2/3 (A2/A3). It happens that the semanticity of the names that work as A1, A2/A3 performs a determination operation on the verb, stabilizing its value and its way of functioning in the utterance.

Keywords: Transitivity. Lexicon and Grammar. *Pass*. TOPE.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7742761039366809>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5780-1341>. E-mail: alcenirluz@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI).
Câmpus de Teresina-Pi. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4707342814957090>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1611-4777>.
E-mail: dora.fl@uol.com.br

Introdução

Na educação básica, as aulas de gramática estão centradas na classificação, tanto morfológica, quanto sintática. Com isso, o aspecto semântico fica em segundo plano. A prova disso é: mesmo quando a proposta é a relação de sentido, a orientação dada é que as palavras sejam classificadas em sinônimos, antônimos, hiperônimos e hipônimos. Ao tratar de um verbo, por exemplo, logo buscamos classificar o elemento em verbo de ligação, transitivo ou intransitivo, sem ao menos questionarmos a semânticidade da unidade ou os argumentos que a unidade solicita. Não notamos que, com essa prática, tratamos as marcas¹ como elementos prontos, que têm valores preestabelecidos e, com isso, ignoramos um aspecto importante para a identificação de um verbo como transitivo, intransitivo, que é o sentido.

Considerando esse contexto, é válido refletir um pouco sobre o verbo *passar*. Pensemos na situação em que X diz para Y: *Antônio passou*. Tradicionalmente, nesse caso, atribui-se ao verbo o sentido de *transitar, percorrer perante X*, logo, o verbo é classificado como intransitivo, porque se considera que há um sentido completo. A partir dessa situação (*Antônio passou*), Y pode construir várias hipóteses em seu cognitivo (*Antônio passou o que? Em que? Onde? Com quem?*) e questionar: *o que você quis dizer? Antônio passou na rua?* Isso evidencia que dizer apenas *Antônio passou* constitui uma sequência não estabilizada que demanda uma estabilização semântica, a qual pode se dá de diferentes modos. Essa estabilização ocorre, por exemplo, quando se tem *Antônio passou na rua* e *Antônio passou no vestibular*, dois enunciados com sentidos diferentes, que se estabelecem como diferentes a partir do momento em que o verbo entra em interação com o termo colocado à direita, o que comprova a relevância da semânticidade do Argumento 2/3 (A2/A3)² para a construção dos valores verbais.

Então, considerando que Y elabore o enunciado *Antônio passou na rua*, evidenciamos que *na rua* estabiliza a sequência *Antônio passou* e, conseqüentemente, estabiliza o sentido para o co-enunciador. Dessa forma, compreendemos que a expressão *na rua*, tradicionalmente considerada um adjunto adverbial de lugar, ou seja, um termo acessório (de caráter circunstancial) assume um valor essencial no âmbito de sua integração com o cotexto, até porque “um termo cuja ausência implica em deslocamento do sentido semântico, não pode ser considerado como algo que não é fundamental” (SWANDER; SANTOS, 2004, p. 26). A partir disso, podemos contestar aquilo que está posto em termos de sentido completo e não completo, considerando que, o que temos em um caso como *Antônio passou* não é um sentido completo, mas sim unidades lexicais constituintes de uma sequência não estabilizada que, ao ser desenvolvida (*Antônio passou de ano, Antônio passou por mim, Antônio passou os móveis para o outro apartamento, etc.*), estabiliza-se no enunciado.

Situações como essa nos levaram a refletir sobre como a transitividade é construída via emprego do verbo *passar*, o que ocasionou as seguintes indagações: De que modo a transitividade se constrói para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)? Como a gramática aborda a transitividade? A semânticidade do verbo interfere na transitividade? A semânticidade dos argumentos verbais (A1 e A2/A3) opera sobre a construção do valor e para o funcionamento verbal?

Esses questionamentos se tornaram motivação para a realização deste estudo, que busca explorar a unidade lexical *passar* e, a partir disso, investigar como se dá o funcionamento da transitividade via esse verbo, refletindo com base em uma perspectiva semântico-enunciativa, à luz da TOPE. Ademais, pretendemos compreender diferentes abordagens sobre o processo de

1 É importante ressaltar que o termo marca pode remeter, entre outros aspectos, a elementos de cunho morfológico, de flexão. Podemos identificar que /s/ é marca de plural, por exemplo. Considerando essa e outras possibilidades, é importante deixar claro que, neste trabalho, marca se refere a um elemento de ordem metalinguística e de domínio do linguista, fruto da articulação entre os níveis linguístico e metalinguístico.

2 Usaremos, no decorrer do texto, Argumento 1 (A1) para tratar de sujeito e Argumento 2/3 (A2/A3) para nos referirmos a elementos de natureza variada que, na relação com o verbo, funcionam para estabilizar o sentido de *passar*. Ressaltamos que, ao tratar de A2/A3, não estamos fazendo referência a questões sintáticas, em termos de objeto direto e indireto; temos um interesse semântico perante essas unidades. A3 constitui um segundo elemento estabilizador, em casos que A2 não é suficiente para construir essa estabilidade (Joana passou a mão – veja que “a mão”, A2, não consegue estabilizar um valor, ou seja, ainda se tem uma estrutura de sentido variável; logo, temos que recorrer a outros elementos (A3) para se dá a estabilidade de sentido do enunciado).

transitividade; examinar a semânticidade dos argumentos verbais (A1 e A2/A3); e analisar de que modo essa semânticidade interfere na transitividade da unidade. O verbo *passar* foi escolhido pela variedade de suas construções sintáticas e de sentido, por ser um verbo bem significativo.

Para atender a esses objetivos e partindo do princípio de que os sentidos são construídos, e não dados, pretendemos estudar a transitividade do verbo *passar* mediante a compreensão de que as unidades lexicais adquirem valor gramatical conforme são empregadas, logo, um verbo *não* é transitivo ou intransitivo, ele *pode construir* esses valores no e pelo enunciado. Com isso, o tema em questão se torna pertinente porque nos permite abordar a linguagem como atividade, o que contribui para o trabalho com a gramática, mais especificamente com o estudo da transitividade, partindo da compreensão de que esse processo não deve estar centrado apenas no verbo, mas na integração das unidades lexicais. A nossa pretensão é ampliar a abordagem sobre transitividade, acrescentando o fator semântico-enunciativo.

Considerando o interesse de muitos estudiosos acerca de diversas marcas linguísticas estudadas pelo viés da TOPE (*partir, tomar, achar, romper, quebrar*, apenas para citar alguns dos verbos estudados), acreditamos que a marca *passar* também possui relevância enquanto objeto empírico. O fato de esta temática ser motivo de questionamentos já é de suma pertinência para a construção do conhecimento científico no campo dos estudos enunciativos que se inserem em uma perspectiva construtivista.

Este trabalho é constituído por um recorte dos estudos desenvolvidos no Mestrado (LUZ, 2021). Como se trata de um recorte, a proposta é apresentar, em um primeiro momento, diferentes visões sobre a transitividade verbal (da perspectiva gramatical para a linguística), discutindo questões pelo viés semântico-enunciativo; e, em um segundo momento, analisar alguns enunciados com o verbo *passar*, investigando a relação dessa unidade verbal com seus argumentos.

Diferentes visões sobre a transitividade verbal

Cunha e Souza (2011) expõem a transitividade como “um fenômeno complexo que envolve diferentes aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos e suas inter-relações” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 9). Em consonância com essa concepção e para discutir tal fenômeno, propomos a investigar o fenômeno da transitividade verbal. A proposta é iniciar pela abordagem gramatical, discutir pontos relevantes dessa abordagem e, ao mesmo tempo, apresentar a visão da TOPE acerca do fenômeno estudado.

Para Castilho (2019, p. 262), a transitividade é uma propriedade que as classes predadoras têm de “exigir/demandar/articular/selecionar/subcategorizar determinados termos/actantes/argumentos que lhes completem/determinem/ especifiquem o sentido”, sendo que essa propriedade, juntamente com a concordância e a colocação, opera para organizar a estrutura argumental da sentença. Diante desse conceito, chama-nos atenção a ideia de *exigir termos que completem o sentido*. Acreditamos que, quando falamos de sentido completo ou incompleto, estamos afirmando que a unidade verbal possui um sentido prévio, inerente, que deve ser *complementado* por outro elemento, sem o qual o verbo não alcançaria um sentido inteiro; e, na verdade, nenhuma unidade da língua carrega um sentido primeiro. Se assim fosse, estaríamos desconsiderando o princípio *construtivista* que rege a TOPE de que os sentidos são construídos, e não dados. Entendemos que, ao tratarmos de *complemento*, o ideal é compreender que versamos sobre determinação, isto é, sobre o modo como o argumento/o complemento age sobre o verbo determinando valores que não são quaisquer. Consideramos que existe um jogo de relações entre as unidades, no sentido de que, ao mesmo tempo em que o complemento determina, ele também é determinado por aquilo que ele completa (FRANCKEL, 2020).

Ao tratar do predicado verbal, Cunha e Cintra (2017) esclarecem que esse predicado tem como núcleo um verbo significativo, os quais se caracterizam por trazerem uma ideia nova para o sujeito. Os verbos significativos podem ser intransitivos e transitivos. No caso dos primeiros, a ação está integralmente contida nas formas verbais, ou seja, “a ação não vai além do verbo”; já os transitivos exigem “certos termos para completar-lhes o significado” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 149-150). Esse tipo de verbo pode ser direto, quando a ação é transmitida a outros elementos

diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição, caracterizando o objeto direto; indireto, quando a ação transita por meio da preposição, nesse caso, o termo que completa o sentido do verbo é o objeto indireto; ou direto e indireto ao mesmo tempo, quando o verbo requer, simultaneamente, um objeto direto e um objeto indireto (CUNHA; CINTRA, 2017).

É nítido que os autores expõem a preposição como um elemento-chave para diferenciar o objeto direto do objeto indireto. Pelo viés semântico-enunciativo, entendemos que a preposição, assim como todas as unidades da língua, são elementos carregados de sentido, mas não julgamos relevante constituir uma categorização gramatical prévia para as unidades, como se o funcionamento dessas unidades fosse uma via única. Se considerarmos, por exemplo, os enunciados *passar pela vida* e *passar pelo outro*, fica evidente que, embora os dois casos façam uso da mesma preposição, não constroem o mesmo sentido. Isso quer dizer que a preposição, assim como o verbo, não tem um sentido de base; ambos viabilizam a construção de uma multiplicidade de sentidos.

Sobre a classificação de objeto direto e indireto, os autores enfatizam que “a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente”, isto é, o mesmo verbo pode ser empregado com valor de transitivo ou intransitivo, conforme a situação. Os autores exemplificam: “Perdoai sempre [=INTRANSITIVO] / Perdoai as ofensas [=TRANSITIVO DIRETO] / Perdoai aos inimigos [=TRANSITIVO INDIRETO]” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 152).

Diante do exposto, notamos que a presença/ausência da preposição é que diferencia o objeto direto do objeto indireto; ademais, há um caráter muito restrito no que concerne ao modo de definir um verbo como transitivo ou intransitivo. Como mostramos acima, os verbos intransitivos são postos como aqueles em que *a ação não vai além do verbo*, como exemplo desse tipo de verbo, os autores apresentam o seguinte enunciado: *Perdoai sempre*. A presença da marca *sempre* junto ao verbo expressa algo rotineiro, que ocorre constantemente e adquire valor de hábito. Isso quer dizer que *sempre* imprime, nesse enunciado, um valor aspectual habitual, logo, a ação de *perdoar* não está restrita ao verbo; há uma colaboração entre os termos do enunciado para a construção do sentido. No enunciado, uma unidade da língua, por si só, não opera sobre as outras. Se os autores colocam que *a ação não vai além do verbo*, fica claro que o modo de analisar vai de encontro à formulação de que *a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto*, já que o texto envolveria todas as unidades do enunciado, e não somente o verbo. Na verdade, a análise é feita *isoladamente*, restrita aos fatores sintáticos, sem considerar os aspectos semânticos.

Constatações como essa corroboram com as abordagens de Lima (2019a, p. 38) ao evidenciar o que as gramáticas tradicionais têm feito:

Apresenta[m] uma trajetória classificatória de uma marca lexical, subdividindo-a, atribuindo-a uma classificação a priori. Isso tudo por um processo de apagamento de seus ambientes co e contextuais em que ela aparece e das condições de enunciação que permitiram engendrar essas significações, ignorando, assim, o trabalho de linguagem realizado pelo sujeito (LIMA, 2019a, p. 38).

Refletindo sobre a influência dessa postura no ensino de gramática, notamos que esse modelo de ensino voltado para a classificação do elemento por ele mesmo leva os alunos a vivenciarem por muitas vezes, na escola, um estudo metalinguístico que compromete o entendimento do educando sobre a língua que ele usa, gerando uma sensação de distanciamento entre essa utilização da língua em situações reais do cotidiano e a língua que é ensinada na escola.

Paillard e Robert (1995, p. 127) destacam que o ideal é estudar as unidades da língua “como unidades transcategoriais, em toda a riqueza de sua variação polissêmica”. Sobre esse aspecto, Romero (2019, p. 184, grifos da autora) esclarece que: “isso não significa que não existam especificidades próprias ao funcionamento das categorias gramaticais, como *nome*, *verbo*, *preposição* etc.”. Diante desses posicionamentos, compreendemos que o ponto central da questão não é rejeitar as categorias gramaticais, é entender que elas não podem ser dadas *a priori*. Isso implica dizer que essas categorias devem ser provenientes de um olhar para o léxico; é trilhar um caminho que se parte da observação e da análise do funcionamento do léxico para se chegar às categorias, e não no sentido contrário, começando pelas categorias já consolidadas.

Para problematizar o modo como a transitividade é caracterizada e apresentada nas gramáticas, Blinkenberg (1969) enfatiza:

Se as gramáticas falam regularmente de verbos transitivos e intransitivos (ou ativos e neutros), de complementos diretos e indiretos, etc., elas geralmente distribuem essa matéria em diferentes seções e raramente chegam ao conceito mais geral e abstrato de transitividade” (BLINKENBERG, 1969, p. 8, grifo nosso, tradução nossa)³.

É exatamente sobre a formulação desse conceito que recai a crítica feita por De Vogüé (1991), para qual a transitividade é caracterizada de maneira intuitiva, no sentido de considerar propriedades que *transitam* sobre o argumento-objeto. Essa noção de *trânsito* é flutuante e não compreensível porque se refere não a um funcionamento linguageiro, mas à realidade extralinguística dos processos e dos atos aos quais os verbos se referem, sendo que, na verdade, a transitividade deve ser considerada um fenômeno linguístico (DE VOGÜÉ, 1991).

Essa concepção arraigada no extralinguístico nos remete ao fato que, em outras abordagens, “falar de transitividade pressupõe que alguma coisa ‘transita’ do verbo sobre o objeto; aqui [na TOPE] nada ‘transita’, há simplesmente uma operação de determinação qualitativa do verbo pelo seu C1” (DE VOGÜÉ, 1991, p. 49, tradução nossa)⁵. Isso implica dizer que, para a TOPE, a transitividade perpassa a semânticidade das unidades em interação; essa junção é que manifesta a noção não fragmentada construída entre o verbo e o complemento.

Quando pensamos em *Passei a xícara* e *Passei o carnaval em Olinda*, por exemplo, fica claro que o funcionamento da transitividade não envolve apenas a identificação de que o objeto *transita* até o verbo, mas a percepção de que, embora os elementos se liguem ao verbo de igual modo, a noção de *passar* que esses elementos representam são diferentes e essas noções só se constroem como diferentes quando analisamos as unidades juntas no cotexto, exatamente porque “não enunciamos com unidades lexicais isoladas” (CAMPOS, 2001, p. 163), tampouco consideramos categorias vazias, pois todas as unidades são significativas. Nós temos “marcadores e encadeamento de marcadores, não há entidades imperceptíveis” (DE VOGÜÉ, 1991, p. 44, tradução nossa)⁶.

A ideia de *categorias vazias* nos leva a outro problema: a classificação verbal feita pelas gramáticas nos aponta que o grupo dos verbos transitivos se realiza com base em “uma simples sintaxe de posição”, tendo em vista que a distinção entre complemento direto e complemento indireto não estabelece uma separação de caráter absoluto dentro da transitividade, vista do ângulo sintático-semântico, pois se trata de uma distinção morfossintática (BLINKENBERG, 1969, p. 83, tradução nossa)⁷. Diz-se isso porque os transitivos diretos se posicionam em relação direta com o complemento, ou seja, sem a presença da preposição; e os transitivos indiretos estabelecem vínculo com o complemento por intermédio da preposição.

Portanto, o problema está no fato de a gramática tradicional atribuir à preposição a responsabilidade pela classificação do verbo em transitivo direto ou indireto, o que demonstra “uma preocupação muito mais estrutural e organizacional que um efeito de sentido e significado” (LIMA, 2019b, p. 26), sendo que, na verdade, tratando de sentido, devemos notar “que todas as preposições têm sentido e que cada uma delas é portadora de uma identidade que lhe é própria” (VILELA, 2016, p. 69).

Trabalhar com conceitos formados nos remete à advertência feita por Culioli (1983) para que não usemos as palavras como unidades feitas com propriedades prontas, considerando o nítido perigo de lidar com as unidades formadas e “carregar consigo uma categorização que historicamente é clara, mas que não tem necessariamente algo a ver com a realidade dos fenômenos observados”

3 No original: Si les grammaires parlent régulièrement de verbes transitifs et intransitifs (ou actifs et neutres), de compléments directs et indirects, etc., elles distribuent souvent cette matière dans différentes rubriques et n’arrivent qu’assez rarement au concept plus général, plus abstrait, de la transitivité.

4 Conforme a abordagem da autora, devemos entender C1 como complemento objeto.

5 No original: parler de transitivité suppose que quelque chose “transite” du verbe sur l’objet; ici, rien ne “transite”, on a simplement une opération de détermination qualitative du verbe par son C1.

6 No original: marqueurs et des enchaînements de marqueurs, on n’a pas d’entités imperceptibles.

7 No original: une simple syntaxe de position.

(CULIOLI, 1983, p. 21, tradução nossa)⁸.

Vista por esse ângulo do sentido, a preposição também se constrói como um marcador com valor referencial. Apliquemos em enunciados:

passar X Pedro passou a doença.

passar por X Pedro passou pela doença.

É evidente que os dois enunciados são construídos com a mesma formulação – A1 + passar + A2 – e colocam em jogo o mesmo verbo e os mesmos argumentos, mas o fato de, na segunda ocorrência, o A2 ser introduzido por preposição suscita diferenças semânticas significativas. O primeiro enunciado tem sentido de transmitir (passar de X para Y), enquanto que o segundo carrega o sentido de superar (passar X), levando-nos a pressupor que Pedro esteve doente, mas venceu esse momento.

Também podemos explorar a variação semântica de passar mediante a relação com A2:

1. *X passou a perna na irmã.*

2. *X passou hidratante na irmã.*

Nessas duas ocorrências, a unidade passar muda de sentido à medida que opera sobre A2, quer dizer, o valor do verbo é construído pela interação de suas propriedades semânticas com as propriedades das unidades a que se relaciona. “É a partir do argumento-objeto que vai se organizar a construção do valor referencial do processo” (DE VOGÜÉ, 1991, p. 55, tradução nossa)⁹, processo este que, em 1, adquire o valor de *trapacear*, e em 2, o valor de *aplicar, espalhar*.

Essas construções nos demonstram que *passar* carrega uma extrema labilidade semântica que se articula a uma grande variedade de construções possíveis (FRANCKEL; PAILLARD; SAUNIER, 1997), sendo que, nessas construções, as preposições não têm valor semântico zero, não atendem apenas à função de um termo de ligação no processo de transitividade; elas expressam “estados diferentes de um mesmo procedimento” (BLINKENBERG, 1969, p. 20, tradução nossa)¹⁰ ou até procedimentos diferentes, não por si só, mas por meio da interação com as demais unidades do enunciado.

Franckel, Paillard, Saunier (1997) exploram essa variação semântica do verbo *passar* e constatam que ele representa um dos vinte verbos mais frequentes em diversas tabelas lexicográficas do francês, apontando uma diversidade de valores. Uma primeira amostra de variação semântica é dada pelos autores através de exemplos com construções transitivas. Vejamos apenas alguns dos exemplos apresentados¹¹:

Passar o muro (pular) / Passar o rio (atravessar) / Passar o tempo (matar) / Passar a doença (transmitir) / Passar um cigarro (dar) / Passar a vez (saltar) / Passar uma mensagem (enviar), etc.

Sobre essas construções, os autores explicam que cada complemento direto determina uma aproximação de *passar* com outro verbo, gerando uma proximidade com um sinônimo particular (*passar a borracha = perdoar; passar um corretivo = advertir*). Assim, cada termo funcionando como A2 mostra *passar* por um ângulo particular. Além disso, ao entrarem em interação no enunciado, os termos se associam de forma mais ou menos prototípica e se estabilizam de forma não-simétrica. Nesse sentido, um termo como *tempo*, por exemplo, tende a convocar o verbo *passar*, mas esse verbo é suscetível de mobilizar uma grande variedade de outros termos que lhe fazem significar de forma mais ou menos típica (*passar o café, a mão, o sal para alguém, etc.*) (FRANCKEL; PAILLARD; SAUNIER, 1997). Quando olhamos a marca *passar* por esse ângulo particular, notamos que há uma grande labilidade envolvida, que interfere diretamente na maneira que se compreende a transitividade, como algo que provém do léxico.

Para De Vogüé (1991), a transitividade não é um fenômeno homogêneo, logo, todas as posições podem ser sustentadas: trata-se de um fenômeno semântico, enunciativo e um não-fenômeno (ou um fenômeno somente sintático); enquadra-se em uma escala gradual de

⁸ No original: transporter avec vous toute une catégorisation qui historiquement est claire, mais qui n'a pas nécessairement quelque chose à faire avec la réalité des phénomènes observés.

⁹ No original: c'est à partir de l'argument objet que va s'organiser la construction de la valeur référentielle du procès.

¹⁰ No original: états différents d'un même procédé.

¹¹ Os exemplos aqui citados, ao serem traduzidos por nós do francês para o português, foram adaptados para que tivessem uma melhor referência no português. No caso de “le mur (franchir)” (FRANCKEL; PAILLARD; SAUNIER, 1997, p. 49), “franchir” significa “atravessar, cruzar, pular, saltar”, etc., então, elencamos “pular” por ter um uso mais comum no português (“pular o muro”, ao invés de “atravessar o muro”, por exemplo).

fenômenos. A teoria culioliana resolve essa questão da seguinte forma:

No debate entre semântico e enunciativo, respondemos que o semântico é enunciativo e invertemos a posição enunciativa sustentando não que a transitividade seria determinada (ou influenciada) por parâmetros enunciativos, mas que ela mesma determina os parâmetros enunciativos de estruturação do enunciado (DE VOGÜÉ, 1991, p. 46, tradução nossa)¹².

Por esse viés, compreendemos que “há transitividade à medida em que *o objeto é afetado pelo processo*” (DE VOGÜÉ, 1991, p. 52, grifo nosso, tradução nossa)¹³, sendo que esse efeito, por sua vez, é decorrente da propriedade semântica do objeto, que define o tipo de processo/ação (define o evento expresso pelo verbo), por isso, poderíamos dizer que, assim como o objeto é afetado pelo verbo, *o verbo também é afetado pelo objeto*. Se pensarmos em *João passou o cheque*, por exemplo, o argumento 2 (*o cheque*) é afetado pelo processo à medida que o verbo determina o evento ocorrido, quer dizer, *o cheque foi passado*, já que ele também poderia ter sido *rasgado, recebido, guardado, queimado*, etc. Por outro lado, o verbo também é afetado pelo objeto à medida que esse objeto (*o cheque*) determina a semanticidade do verbo, pois, tratando-se de um cheque, *passar* adquire sentido de *entregar, dar, emitir*, o que não permitiria, por exemplo, o sentido de *se deslocar, encontrar, atravessar*, etc. Assim, torna-se evidente que a transitividade se faz presente quando as unidades do enunciado se afetam, mutuamente.

Blinkenberg (1969) destaca que o termo transitividade, originado do termo latino *transitiuus*, pertence ao vocabulário linguístico e filosófico. Para os filósofos de *l'École*, “causa (ou ação) transitória se opõe à causa (ou ação) imanente e indica uma causa ou ação que modifica outro ‘ser’ que não o próprio agente” (BLINKENBERG, 1969, p. 12, tradução nossa)¹⁴. Para ele, “a base da transitividade se encontra no membro central da frase, a saber o verbo, que pelo seu próprio conteúdo é particularmente apto a estabelecer uma estreita relação entre várias ‘coisas’” (BLINKENBERG, 1969, p. 79, tradução nossa)¹⁵. Acreditamos que essas *coisas*, assim tratadas pelo autor, são os demais elementos do enunciado, que estabelecem interação com o verbo, como os argumentos 1 e 2.

O autor ressalta que, se analisarmos o sentido do termo *transitivo*, encontramos a ideia de que o conteúdo de uma determinada frase não é autossuficiente, de modo que a incompletude de um termo chama/exige um complemento. Diante disso, a transitividade constrói uma coesão entre termos que são inicialmente autônomos, fazendo surgir um duplo aspecto do problema: a transitividade é, ao mesmo tempo, de ordem semântica e sintática. Assim, a “‘transição’ deriva de uma coesão de caráter particular existente entre dois termos da frase, mais especificamente entre o verbo e um complemento” (BLINKENBERG, 1969, p. 17, tradução nossa)¹⁶.

Ao tratar de transitividade, De Vogüé (1991) nos faz pensar sobre a necessidade de ir além do explícito para explorar o fenômeno:

O termo que serve de complemento de objeto de um dado verbo construído torna concebível que um fenômeno semântico como esse da transitividade não seja perceptível de vista [visualmente perceptível] e necessite certos desvios ou certos cálculos para ser apreendido como fenômeno homogêneo e inteiro (DE VOGÜÉ, 1991, p. 41, tradução nossa)¹⁷.

12 No original: au débat entre sémantique et énonciatif, on répond que le sémantique est énonciatif, et on inverse la position énonciative en soutenant non pas que la transitivité serait déterminée (ou influée) par des paramètres énonciatifs, mais qu'elle-même détermine les paramètres énonciatifs de structuration de l'énoncé.

13 No original: il y a transitivité dans la mesure où l'objet est affecté par le procès.

14 No original: causa (ou actio) transiens s'oppose à causa (ou actio) immanens et indique une cause ou action qui modifie un autre «être» que l'agent lui-même.

15 No original: la base de la transitivité se trouve dans le membre central de la phrase, à savoir le verbe, qui de par son contenu même est particulièrement apte à établir un rapport étroit entre plusieurs «choses».

16 No original: la «transition» dont il s'agit dérive d'une cohésion d'un caractère particulier existant entre deux termes de la phrase, plus spécifiquement entre le verbe et un complément.

17 No original: Le terme qui sert de complément d'objet à un verbe donné étant construit, il devient concevable

Esses *desvios* e *cálculos* podem ser esmiuçados por meio dos seguintes pares de enunciados:

1. *Pedro passa* / 2. *Pedro passa bem*
3. *A criança nasceu* / 4. *A criança nasceu bem*

Em 1, temos uma sequência que pode estabilizar diversos enunciados com sentido de: *transitar, ir e vir* (*Pedro passa aqui todo dia de manhã*); *de fechar* (*Pedro passou o cadeado no portão*); *de doação* (*se eu pedir, Pedro passa tudo que é dele para meu nome*), entre outros. Além disso, *Pedro passa* pode funcionar como resposta a uma situação contextual específica, como em:

A: *Eita, a prova estava tão difícil... Não sei quem vai passar em um teste daquele.*

B: *Pedro passa.*

Em 2, *bem* recai sobre o verbo provocando uma alteração de sentido (*passa bem = está de modo bom, sente-se bem*), o que nos mostra que o elemento *bem* colabora para a modificação e a estabilização do valor da unidade *passar*, que não tem mais nenhuma relação com *transitar*, por exemplo. Ao contrário, nos enunciados 3 e 4, o verbo carrega o mesmo valor semântico, ao passo que a marca *bem* (em 4) atua como qualificador, dando um detalhamento sobre o modo em que a criança se encontra em decorrência do nascimento, mas esse modo não influencia/modifica o evento expresso pelo verbo. Diante disso, em 1, podemos identificar diferentes modos de funcionamento (transitivo ou intransitivo), pois, a cada estabilidade do enunciado, poderá haver um funcionamento distinto; em 2, o verbo pode ser visto como transitivo, considerando que *bem* funciona como A2, um elemento que colabora para a estabilização do valor expresso pelo verbo; enquanto que em 3 e 4, o verbo funciona apenas intransitivamente.

Portanto, verificamos que “o sentido do verbo pode iniciar uma analogia que muda a forma da transitividade” (BLINKENBERG, 1969, p. 49, tradução nossa)¹⁸. A partir disso, podemos presumir uma razão para o verbo *passar* ser visto em uma grande diversidade de construções sintáticas (construções intransitivas estritas, construções reflexivas, transitivas, construções do tipo verbo-nominal, construções verbo-adjetivo, além das inúmeras construções que colocam em jogo sintagmas preposicionais), como evidenciam Franckel, Paillard e Saunier (1997). O fato é que o sentido da unidade nos diversos cotextos opera para uma mudança de transitividade.

Isso mostra que a transitividade não é algo tão evidente, que, para ser compreendida, é necessário desconstruir alguns dos valores já construídos pela tradição gramatical. Ademais, todo o processo de construção e reconstrução de sentidos não ocorre no extralinguístico, de forma previamente determinada, mas nas situações enunciativas por meio das marcas, porque “é no próprio funcionamento da língua que interpretamos marcas linguísticas, desconstruímos os arranjos de marcas e reconstruímos relações no qual o texto passa a ser um arranjo léxico-gramatical” (SILVA, 2011, p. 26).

Construir, desconstruir e reconstruir é a base de uma análise enunciativa, que busca, sobretudo, ampliar os modos de lidar com os observáveis, extrapolando o caráter puramente morfológico, sintático, semântico-formal e/ou pragmático-autônomo da análise. Por isso, pelo viés da TOPE, estabelecer classificações prévias às palavras da língua é uma tentativa inválida de análise, pois, dentro do jogo de interação das unidades, estas podem assumir diversos papéis, tendo em vista que “as unidades lexicais e as categorias gramaticais articulam-se e são construídas por meio da atividade da linguagem” (SILVA, 2011, p. 25).

É a partir dessa integração que construímos sentidos, pois uma unidade sempre está numa relação de dependência com a outra, construindo um *sistema de orientação*, no qual todo termo é tomado em relação a outro, recebendo o estatuto de termo orientador (*repère*) ou de termo orientado (*repéré*) (FRANCKEL; PAILLARD, 2011). Uma propriedade funcionar “como *repère* implica que ela seja pré-construída (isto é, construída de uma força autônoma, independente da relação)” (FRANCKEL; PAILLARD, 1989, p. 119, tradução nossa)¹⁹. A atribuição de um ou de outro estatuto ocorre mediante a integração das unidades; a partir disso é que as unidades adquirem suas propriedades significativas para exercerem o papel de termo orientador ou de termo orientado.

qu'un phénomène sémantique comme celui de la transitivité ne soit pas perceptible de visu, et nécessite certains détours ou certains calculs pour être appréhendé comme phénomène homogène et entier.

18 No original: le sens du verbe peut amorcer une analogie qui change la forme de la transitivité.

19 No original: comme repère implique qu'elle soit préconstruite (c'est-à-dire construite de façon autonome, indépendamment de la relation).

Franckel e Paillard (1989) exemplificam com uma sequência que pode engendrar dois enunciados bem distintos, em que o sujeito ou o predicado podem funcionar como *repère*. Vejamos: *Luc é um bom músico*. Os autores explicam:

Em um primeiro caso, Luc funciona como *repère*. A propriedade *ser bom músico* constitui uma característica de Luc; é uma propriedade entre outras que Luc pode receber. A partir do termo Luc, podem ser construídas outras propriedades (ser bom aluno, ser bom filho, etc.). Em um segundo caso, ocorre o inverso, é a propriedade “ser bom músico” que funciona como *repère*. Podemos imaginar o enunciado como respondendo a uma questão do tipo: *tu conheces um bom músico (qualquer um que seja)?* Dentro da resposta, Luc se constrói, a partir dessa propriedade, como um dos termos possíveis, ou seja, Luc pertence a uma classe de termos possíveis para atender à propriedade *ser bom músico* (FRANCKEL; PAILLARD, 1989).

Façamos a aplicação dessa relação de orientação com o verbo *passar*:

1) *X passou o cartão*.

2) *X passou a pomada*.

Evidenciamos que as propriedades de *passar* são estabilizadas nos enunciados mediante a interação que o verbo estabelece com A2 (*o cartão / a pomada*). Essa integração é responsável por apontar que o verbo apresenta comportamento semântico distinto. No primeiro caso, *passar* estabiliza o sentido de *utilizar a fim de efetuar pagamento*; no segundo, o sentido é *aplicar, espalhar*. A gramática classifica o verbo, em ambos os casos como transitivo, mas não trata da semanticidade do verbo ocasionada pelo tipo de argumento que está vinculado a ele. Há, em cada um dos enunciados, uma ocorrência linguística da noção lexicalizada de *passar*, pois a relação de *repérage* “confere ao processo os limites ou contornos do termo” (FRANCKEL; PAILLARD, 1989, p. 121, tradução nossa)²⁰.

Com isso, notamos que a significação “ganha assim uma nova dimensão, deslocando-se do significado da unidade lexical para a significação do enunciado, numa perspectiva dinâmica de construção / reconstrução” (CAMPOS, 2001, p. 164). Diante do exposto, julgamos pertinente explorar a semanticidade desses argumentos, uma vez que compreendemos a transitividade como um processo léxico-gramatical que se constitui a partir da relação entre o verbo e seus argumentos.

Agora, destinaremos nosso olhar para alguns dados da pesquisa, analisando e discutindo os observáveis.

Analizando alguns dados

Selecionamos 6 enunciados, numerados de 1 a 6, para análise do verbo *passar* na relação com seus argumentos (A1, A2/A3). Além desses enunciados, no decorrer da discussão, apresentaremos outras ocorrências não-numeradas dessa mesma unidade verbal, que foram utilizadas para estabelecer diferenças de sentido e mostrar valores específicos.

Primeiramente, veremos enunciados compostos por A1 + *passar* a fim de explorar a interação entre A1 e o verbo em construções intransitivas:

1. *A raiva / o frio / a fome passa*

2. *A vida / a juventude / o tempo passa*

Os dois casos constroem o valor de algo temporário/transitório. Contudo, de um lado, 1 instala a representação de que *X se apropria de Y*. Nessa apropriação, há a manifestação de um valor pontual, de modo que *passar* significa *acabar mediante Z*; *passar* é *tornar-se livre de uma apropriação*. *A raiva, o frio e a fome* são propriedades momentâneas que estão condicionadas a outro elemento (Z) (quando estamos com raiva, precisamos de um tempo para digerir a situação ou de um pedido de desculpas, por exemplo; o frio *passa* quando nos aquecemos ou em função da mudança de clima; a fome, quando comemos). Por outro lado, 2 se manifesta por: *X passa em relação a Y*. Temos uma passagem com valor durativo, em que *passar* é *ir se diluindo em relação a Y*; é *marcar o deslocamento de uma etapa para outra etapa*.

A vida (X) passa em relação à finalização da vida (a morte) (Y);

²⁰ No original: confère au procès les limites ou contours du terme.

*A fase da juventude (X) passa em relação à totalidade da vida (ao ciclo da vida) (Y);
O tempo (X) passa em relação à totalidade do tempo (Y).*

Vemos que essas construções intransitivas com A1 estabelecem uma *limitação à unidade verbal*. Se tomarmos como exemplo *O tempo passa / A vida passa / A raiva passa / A fome passa / O frio passa / O efeito passa*, notamos que o verbo *passar* se enuncia com todos esses A1 sem nenhum custo, além de que as unidades constroem sobre o verbo o sentido de *transitório*. Por outro lado, se tomarmos como ocorrência *A casa passa* (considerando esta uma sequência já estabilizada, isto é, um enunciado), evidenciamos que se trata de um caso não possível, ou melhor, *passa* com valor intransitivo não aceita *casa* como A1. Nesse caso, para se tornar um enunciado realizável do ponto de vista enunciativo, podemos inserir outras unidades no ambiente linguístico que serão responsáveis por construir um funcionamento transitivo para o verbo, como:

A casa branca que tem na sua rua passa por reforma todo ano.

A partir da expansão do enunciado, o verbo e seus argumentos (A1 e A2) produzem a representação de *X ser submetido a Y*.

É interessante notar que, diferentemente do que ocorre com *a vida passa*, por exemplo, não podemos atribuir um qualitativo à *casa* dizendo *a casa é passageira*. Dizer *a vida passa* é suficiente, não exige o acréscimo de um elemento à direita para dar sentido ao enunciado. Já *A casa passa*, como mostramos, é algo inconclusivo, a não ser que haja um dito para situar a ocorrência.

Esse vazio de sentido existe em decorrência do elemento que funciona como A1, isto é, *a casa*, pois se fosse *a vida*, *o tempo* ou algo mais abstrato, por assim dizer, o sentido de *passar* já estaria preenchido pela efemeridade em si.

Assim, percebemos que há uma espécie de regularidade nas construções do tipo *A1 + passar com valor intransitivo*, considerando que alguns elementos não podem desempenhar a função de A1.

Essas manipulações dão indícios das regularidades que se encontram no fundamento do funcionamento enunciativo dos verbos (sua *invariância*), regularidades que desencadeiam diferentes ajustamentos quando se observam empregos cuja interpretação não é tão evidente ou deixa a desejar (ROMERO, 2019, p. 187).

Apropriamo-nos dessas ocorrências para evidenciar que a transitividade é uma questão de léxico, pois, como destacamos, o léxico (as unidades lexicais presentes no enunciado) é que define o valor do verbo e seu tipo de funcionamento, se transitivo ou intransitivo, isto é, o funcionamento verbal é estabilizado pelo valor semântico que o verbo assume em cada enunciado.

No decorrer do estudo, notamos que *passar* é uma unidade polissêmica capaz de, à medida que se relaciona com as propriedades de outras marcas, construir inúmeros sentidos; não se limitando às acepções consideradas pela tradição. São as propriedades dos nomes – posicionados à esquerda e à direita do verbo – em interação com as propriedades do verbo que determinaram o valor semântico de *passar* e sua transitividade.

Agora passemos à discussão sobre as classificações previamente estabelecidas analisando dois enunciados, a saber:

3. *Passou o batom.*

4. *Passou a febre.*

Identificamos que, em ambos os casos, os verbos se relacionam diretamente com os nomes, os quais agem para estabilizar o sentido da unidade verbal. *Passar o batom* produz o sentido de *usar, aplicar um batom X*, logo, exige um sujeito (A1) para a realização dessa ação (*X passou Y*), o qual não está explícito no enunciado, mas pode ser recuperado pela desinência verbal. *Batom* funciona como A2. Já em *passar a febre*, o verbo instaura um processo; e o nome se responsabiliza por, juntamente com o verbo, estabelecer o sentido de *acabar, desaparecer*, isto é, houve uma mudança de estado. No tocante ao sujeito, temos um sujeito sintático posposto, que é *febre*, o que se torna ainda mais evidente se fizermos uma inversão da posição dos elementos, colocando o enunciado na ordem direta (*A febre passou*). É interessante notar que não é possível vislumbrar um ser responsável por executar o evento de *passar a febre* (**X passou a febre de Y*), trata-se de uma

passagem natural.

Em um nível de abstração, podemos ver, em 3, um *movimento* expresso por *passar*; e em 4, uma *diluição*. Em termos de transitividade, olhando pelo viés da semanticidade, no primeiro caso, o verbo funciona como transitivo (*usei o batom*); e no segundo, como intransitivo (*a febre acabou*). Olhando pelo viés sintático de caráter tradicional, pode ser que a superfície aparente das estruturas gere o entendimento de que há funcionamentos iguais, ou seja, os verbos podem ser compreendidos como transitivo nos dois casos; o que, na verdade, não se confirma.

Para pensarmos um pouco mais sobre aquilo que já está posto, vejamos o seguinte enunciado: *passar isso a limpo*. Tal enunciado gera duas linhas de significação, que só “se desfazem na atividade de linguagem pela observação da dinâmica de uso dos elementos da língua, no agenciamento de marcas” (LIMA, 2019a, p. 32). A estabilização dos sentidos solicita que recorramos à situação enunciativa para atribuir sentido a *isso*. Enquanto não fizermos a contextualização do enunciado vão perdurar as especulações. Então, em uma primeira linha de significação, compreendemos *passar* no sentido de *esclarecer*, em uma situação em que duas pessoas se desentendem e veem a necessidade de elucidar os fatos; em outra linha, entendemos que *passar* estabelece o sentido de *reescrever*, considerando que X estava escrevendo uma lista de compras, por exemplo, e errou várias vezes, especialmente na quantidade de produtos, então Y solicita que a lista seja refeita, passando os escritos a limpo.

Fazemos especulações como essa porque muitas vezes agimos “como se houvesse categorias gramaticais puras e estáveis” (CULIOLI, 1990, p. 12, tradução nossa)²¹; o que nos leva a atribuir maior atenção a questões estruturais e sintáticas, muito mais que aos aspectos semânticos. Na verdade, devemos recorrer a esses aspectos para buscar enxergar que o funcionamento dos verbos varia a partir do vínculo semântico que eles estabelecem com os argumentos no ambiente cotextual. Enfim, o que queremos elucidar é que o fator transitividade está intimamente ligado ao léxico e à semanticidade das marcas.

Outro ponto de discussão deste estudo está voltado para ressaltar o potencial de A2, que pode ser comprovado, por exemplo, em:

5. *Vou passar a guarda da minha filha.*

6. *Vou passar a roupa da minha filha.*

Identificamos que *passar* se constrói como um termo orientador, a partir do qual se situa uma classe de termos orientados, que são *a guarda* e *a roupa*. Esses termos orientados, situados em relação a outro termo – que, no caso, é o verbo – são essenciais para estabilizar o valor semântico do verbo, de modo que, quando *a guarda* é orientado em relação a *passar*, essa unidade constrói o valor de *dar, transferir, direcionar a outro (X passar para Y)*. Há um movimento de X para Y que envolve uma saída e uma entrada (*Z, que estava sob proteção de X, agora está sob os cuidados de Y*). Quando *a roupa* é orientado em relação a *passar*, a unidade verbal estabiliza o sentido de *engomar, tirar as dobras (X passar Y)*. Nesse caso, não há um elemento que transita de X para Y. Essa ideia de movimento seria construída se acrescentássemos A3, formulando:

Vou passar a roupa da minha filha para a Juliana.

Com essa manipulação, o sentido de *passar* é modificado de *engomar, tirar as dobras* para *doar, ceder para uma situação*.

Assim fica evidente que os elementos que se apresentam à direita do verbo operam para a construção de diferentes sentidos. Diante do exposto, notamos que o verbo “transforma discursivamente um termo (N) que corresponde a um ponto de partida dessa transformação” (FRANCKEL, 2020). Isso implica dizer que o nome (*a guarda / a roupa*) impulsiona a transformação de sentido que o verbo constrói e, ao mesmo tempo, é transformado discursivamente, porque deixa de ser apenas uma marca que nomeia/designa e adquire potencial para fazer o enunciado progredir enunciativamente, construindo sentido.

Considerando essa influência de A2 para instituir o valor do verbo, poderíamos concordar com a concepção de que a transitividade é um fenômeno morfossintático? A transitividade não é um fenômeno fixo, em que observamos a posição e/ou a presença/ausência da preposição e, em seguida, classificamos o verbo. Nesse jogo, defendemos que a transitividade é uma questão lexical, pois o seu modo de funcionamento é proveniente do léxico. Por isso, as noções gramaticais devem

21 No original: comme s’il existe des catégories grammaticales pures et stables.

ser fruto de uma relação léxico-gramática.

Todo o exposto deixa claro que muitos conceitos e classificações ainda precisam ser reconsiderados, o que é possível por meio de operações realizadas pelo sujeito enunciador, as quais se sucedem como um modo de repensar noções gramaticais atreladas às classificações fixas. São exatamente essas operações que nos permitem chegar às noções gramaticais, que só “são perceptíveis e analisáveis através da reconstrução de operações, a partir de marcadores existentes nos textos” (CORREIA, 1996, p 108); logo, não podemos acessar essas noções apenas por meio de classificações previamente estabelecidas.

Considerações Finais

A discussão proposta sob pressupostos da TOPE nos conduziu à constatação de que a transitividade é um processo lexical, articulado com o sentido, decorrente da variedade semântica dos itens lexicais. Assim, as noções gramaticais devem ser fruto de uma relação léxico-gramática.

A unidade *passar* comporta uma grande diversidade de valores, que podem ser alterados à medida que *passar* entra em interação com A1 e A2/A3. Ocorre que a semanticidade dos nomes que funcionam como A1 e A2/A3 realiza uma operação de determinação sobre o verbo, estabilizando seu valor no enunciado. É interessante ressaltar que, quando A1 e A2/A3 aparecem juntos no mesmo enunciado, é a semanticidade do A2/A3 que define o sentido do verbo. Portanto, o valor de *passar* só se estabiliza no enunciado no momento em que os argumentos operam sobre a unidade verbal.

Esta discussão permite uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa pautado no trabalho com as unidades da língua como elementos mutáveis, os quais devem ser analisados em integração, vinculando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, fonológicos, etc. Mais importante que ensinar a classificar é ensinar a ver as unidades da línguas como elementos que se constroem, desconstroem-se e se reconstróem.

Referências

BLINKENBERG, Andreas. **Le problème de la transitivité en français moderne**: essai syntactosémantique. 2ª ed. Kommissionær: Munksgaard, København, 1969.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. Gramática e construção da significação. In: FONSECA, Fernanda Irene; DUARTE, Isabel Margarida; FIGUEIREDO, Olívia (Orgs.). **Actas do Colóquio A Linguística na Formação do Professor de Português**. Centro de Linguística da Universidade do Porto, set./2001, p. 163-174.

CASTILHO, Ataliba T de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CORREIA, Clara Nunes. A teoria das operações predicativas e enunciativas em contraste com outras teorias. **Actas do XII Encontro da APL**. p. 105-115. 1996.

CULIOLI, Antoine. **Notes du séminaire de D.E.A.** Université de Paris 7, Département de Recherches Linguistiques (D.R.L.), 1983.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Opérations et représentations – Tome 1. Paris: Editions Ophrys, 1990.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Formalization et opérations de repérage – Tome 2. Paris: Editions Ophrys, 1999a.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Domaine notionnel – Tome 3. Paris: Editions Ophrys, 1999b.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

DE VOGÜE, Sarah. La transitivité comme question théorique: querelle entre la Théorie des Positions de J.C. Milner et la Théorie des Opérations prédicatives et Enoncatives d'A. Culioli. **Linx**, n. 24, 1991. Sur la transitivité dans les langues. p. 37-65.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Objet – complément – repère. **Langages**, 24e année, n° 94, 1989. pp. 115-127.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis; SAUNIER, Evelyne. Modes de régulation de la variation sémantique d'une unité lexicale. Le cas du verbe *passer*. **Actes du Colloque International La locution**: entre lexicque, syntaxe et pragmatique. Identification en corpus, traitement, apprentissage. Universités de Paris 7 et Paris 10: Klincksieck, 1997, p. 49-68.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: DE VOGÜE, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. Organização e tradução de Márcia Romero e Milenne Biasotto-Holmo; posfácio de Valdir do Nascimento Flores. São Paulo: Contexto, 2011, p. 87-101.

FRANCKEL, Jean-Jacques. **Atividade de linguagem, diversidade e singularidade das línguas em Antoine Culioli**. Curso realizado em ambiente virtual, em parceria com a Universidade Federal de São Paulo, com duração de 32 horas. Curso ministrado em francês, com tradução das ideias gerais por Márcia Romero. São Paulo: UNIFESP, 2020 (Comunicação oral).

LIMA, Francisco de Assis Pereira. Um estudo semântico-enunciativo da marca legal no português brasileiro: identificando a invariância nas variações. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira (Org.). **Unidades lexicais: identidade e variação em uma dinâmica de interação**. Teresina: EDUFPI, 2019a, p. 30-53.

LIMA, Patrícia Mota do Amaral. **A transitividade verbal sob a perspectiva funcionalista: da teoria à prática da sala de aula**. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, 2019b.

LUZ, Alcenir de Sousa; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. **Entre o léxico e a gramática**: a transitividade articulada ao sentido do verbo passar. 2021. 101 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Letras) – Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, 2021.

PAILLARD, Denis; ROBERT, Stéphane. Langues diverses, langues singulières. In: ROBERT, Stéphane (Org.). **Langage et sciences humaines propôs croisés. Actas du Colloque Langues et Langages**. Paris: ENS, 1995, p. 117-143.

ROMERO, Márcia. Teoria das Operações Enunciativas. In: ROMERO, Márcia. *et al.* **Manual de linguística**: Semântica, Pragmática e Enunciação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 175-228.

SILVA, Teresinha de Jesus Baldez. **Processos enunciativos e gramática operatória**: o espaço semântico-enunciativo dos marcadores ser e estar. 2011. 144 f. Tese (Doutorado em Linguística e

Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2011.

SWANDER, Alex; SANTOS, Karla Franco dos. A transitividade segundo a tradição gramatical e o funcionalismo. **SOLETRAS**, Ano IV, n. 07. São Gonçalo: UERJ, 2004.

VILELA, Thatiana Ribeiro. **Educação léxico-gramatical: um estudo semântico-enunciativo da preposição com**. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, UNIFESP, Guarulhos, 2016.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2022.

Aceito em: 25 de fevereiro de 2022.